



FÃS ESPECIAIS

Tradicional clube de Pelotas, Grêmio Esportivo Brasil tem torcedores cegos que vão ao estádio, vibram e sofrem agarrados a um radinho portátil

"A MAIOR E MAIS FIEL" TORCIDA DO INTERIOR GAÚCHO SAÚDA A ENTRADA EM CAMPO DO GRÊMIO ESPORTIVO BRASIL, NO ESTÁDIO BENTO FREITAS, EM PELOTAS

Com os olhos da paixão

JOSÉ CRUZ
DA EQUIPE DO CORREIO

Quanto mais gritos e barulho de foguetes vindos da torcida, mais os irmãos Ingomar e Armindo Venske apertam os seus radinhos de pilha contra o ouvido. Para eles, a transmissão do jogo é fundamental, lance a lance. E reagem conforme a vibração e o tom de voz do locutor esportivo. É a única forma que eles têm de acompanhar um jogo de futebol. Armindo e Ingomar são cegos, mas estão lá, parceiros da torcida do Brasil de Pelotas, "a maior e mais fiel", como diz a faixa rubro-negra, cores do time. De fato, é difícil encontrar fidelidade igual em cidades do interior.

"Em todo o estado, Grêmio e Internacional sempre têm a maioria da torcida quando jogam numa cidade do interior. Em Pelotas, não. Aqui,

o Brasil domina o estádio, não dá chance", revela Samir Curi, empresário do setor hoteleiro, referindo-se ao seu time de coração, fundado no dia 7 de setembro de 1911.

Quando o time entra em campo, a torcida não se contém. Gritos, fogos, fumaça vermelha. Uma enorme bandeira cobre a geral. Fazem um bonito espetáculo na taba xavante — homenagem à tribo guerreira, que já habitou o Rio Grande do Sul e hoje se resume a uma população de nove mil indígenas, no Mato Grosso. A festa na arquibancada é regida por uma bem ritmada charanga, que não pára durante os 90 minutos.

Vitória

Naquele domingo, 8 de abril, o jogo com o Grêmio, de Porto Alegre, era especial. Uma vitória do Brasil garantiria a sua permanência na primeira divisão do Campeonato Gaúcho. A massa rubro-negra ocupou 90% do estádio, com capa-

cidade para 18 mil pessoas. Começa o jogo. Armindo comenta baixinho com o irmão: "O Brasil está à nossa esquerda". A dupla fica atenta às informações de seus radinhos, e vibra com a vitória xavante por 1 x 0 sobre o líder Grêmio.

Armindo, de 48 anos, e Ingomar, 46, não são os únicos cegos nessa fanática torcida. A irmã deles, Edi Maria, 49, está lá, com o marido, Haroldo Martinez Maciel, que também não enxerga. Mesmo torcedores do Esporte Clube Pelotas — o arqui-rival do Brasil —, eles acompanham o grupo, solidários às paixões clubísticas dos amigos.

Companheiro de torcida, Wagner Teixeira também vai ao estádio, com o rádio em boa sintonia. Aos 25 anos, ele tem apenas 5% de visão. Distingue as cores das camisas dos times, mas não consegue reconhecer os jogadores a distância. "Esse negócio de futebol é muito bom. O barulho da torcida transmite muita

energia e vibração", diz ele.

Houve época em que o grupo era numeroso e até levava uma faixa ao estádio identificando a "torcida cega", em meio à massa rubro-negra. Numa recente "desgraça" pelo Campeonato Gaúcho, o Brasil perdeu para o Glória, em seu próprio estádio, o Bento Freitas. O jornalista Jandir Barreto conta o que viu: "Um torcedor mais irritado avistou a torcida organizada dos cegos e foi logo despejando a sua incontrolada amargura: 'Ainda bem que vocês são cegos e não viram a desgraça que aconteceu em campo'. Os cegos não viram, mas seguramente sentiram como ninguém a derrota do time querido e batiam em retirada do estádio, com as bandeiras e faixa devidamente enroladas".

A campanha do Brasil no Campeonato Gaúcho terminou há uma semana, quando derrotou o Caxias por 3 x 2, na casa do adversário, ficando em quarto lugar no Grupo 2.



INGOMAR, ARMINDO E VAGNER: PARCEIROS DA FANÁTICA TORCIDA XAVANTE



MESMO NO INTERVALO DO JOGO O GRUPO NÃO SE DESLIGA DA TRANSMISSÃO



INGOMAR E ARMINDO: ALHEIOS AO CAMPO E ATENTOS AO RÁDIO DE PILHA

ALEGRIA e fraternidade

Preferências por clubes à parte, há um lado comum entre esses torcedores cegos de Pelotas. Dos cinco irmãos da família Venske, três nasceram sem enxergar: Armindo, Ingomar e Edi. "Foi uma catarata congênita, chamada ceratocone, que provocou uma deformação da córnea", resume Ingomar. Formado em letras, ele é diretor da

Escola Luiz Braille, que atende a 109 cegos.

Na sua rotina diária, anda sozinho pela cidade. Acompanhado de uma bengala, sobe e desce calçadas, embarca em ônibus e chega aos seus destinos. Sem identificar imagens ou cores, percebe que há uma claridade — "a luz do sol". Mas o que é claro para quem não enxerga? "Escureidão não existe para mim. Percebo que a luz do sol é algo se abrindo, que transmite uma sensação de ampla liberdade, assim como uma janela aberta..."

Ao contrário de Ingomar, o irmão Armindo é casado, com Sílvia Helena, com quem teve uma garotinha, Bruna, já com oito anos. Aluno do sétimo semestre do curso de psicologia, ele diz que vê as cores através de associações de idéias.

"O azul associa ao céu e ao mar. O vermelho ao sangue e à paixão, mas sem conseguir dizer exatamente o que é azul e o que é vermelho."

Muitas vezes, Armindo é surpreendido por perguntas curiosas: "Deve ser ruim não enxergar!" A resposta é dada pacientemente: "Não sei, eu nunca enxerguei...". A irmã Edi Maria, de 49 anos, casada com Haroldo Martinez, é mãe de Thais, de 12 anos. Para ela é normal lidar com pais cegos. "Eu ajudo muito em casa, mas eles fazem tudo sozinho. São muito organizados", diz a garota.

Privadas da claridade, essas pessoas não se abatem. São alegres e participativas e, por vezes, até irônicas e engraçadas. "Sinto que um clube de futebol é uma coisa muito importante. Essa

união dos torcedores influencia as pessoas", reflete Ingomar. E conclui: "Eu acho que clube de futebol tem mais seriedade do que partido político. Além disso, torcida traz muita alegria, anima qualquer um, até morto".

Fora dos gramados, o grupo se reúne no Conselho Municipal das Pessoas com Deficiência. Há leituras de pequenos textos para interpretações e cantos populares acompanhados de violão. A turma se inspirou no Movimento de Fraternidade Cristã de Deficientes, surgido em Verdun, na França, depois da 2ª Guerra Mundial, em 1945. É dirigido em Pelotas por Sidnei Fagundes, um dos principais incentivadores do movimento e motorista da kombi que transporta a maior parte do grupo. (JC)